

Educação e gerontologia: desafios e oportunidades

Education and gerontology: challenge and opportunities

Meire Cachioni*

Anita Liberalesso Neri**

Resumo

A gerontologia é vasto campo profissional e disciplinar, do qual faz parte a educação gerontológica. Esta se ocupa da educação dos idosos e da formação de profissionais para esse mister. No Brasil, a construção da educação gerontológica avança principalmente a partir da atuação de cursos de pós-graduação em gerontologia; é fortalecida pela criação de universidades da terceira idade, importante *locus* de programas para idosos, de pesquisa e de formação de recursos humanos, embora nelas ainda predominem ações pedagógicas não-especializadas. Este texto tem como objetivo discutir princípios para uma educação gerontológica participativa e transformadora.

Palavras-chave: Educação gerontológica, universidade da terceira idade, professores-educação.

Introdução

A gerontologia ocupa um lugar de destaque entre as várias disciplinas científicas, beneficiando-se e sendo beneficiada pelo intercâmbio de idéias e dados, num amplo campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia e pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia. Comporta numerosas interfaces com áreas de aplicação e de prestação de serviços, principalmente a geriatria, a fisioterapia, a enfermagem, o serviço social, o direito, a psicologia clínica e a psicologia educacional, o que permite classificá-la também como campo multiprofissional.

Entretanto, a pluralidade de especialidades da gerontologia não impede a constituição de saberes claramente delimitados em que cada disciplina e pro-

* Psicóloga. Doutora em Educação .

** Psicóloga. Professora Titular na Faculdade de Educação da Unicamp, onde pesquisa e ensina sobre psicologia da vida adulta e da velhice.

fissão contribui para definir a última etapa da vida como categoria de idade com propriedades específicas, que exige tratamentos especializados. Por exemplo, o desgaste físico é atribuído aos médicos; a ausência de papéis sociais, aos sociólogos; a solidão, aos psicólogos; a idade cronológica, aos demógrafos; os custos financeiros e as ameaças à reprodução das sociedades, aos economistas e especialistas na administração pública. A educação faz parte do amplo campo de aplicação da gerontologia. Tal como a gerontologia, é área multi e interdisciplinar, fato que, com frequência, confunde os praticantes e os teóricos de ambos os campos. Pertence ao âmbito de um novo campo interdisciplinar, o da *gerontologia educacional*, a discussão sobre quais devem ser o conteúdo e o formato da educação dirigida a idosos e como deve ocorrer a formação de recursos humanos para realizá-la.

Gerontologia, educação e interdisciplinaridade

Em meados da década de 1960, desenvolveu-se na França e na Itália um forte movimento em favor de uma universidade mais engajada na sociedade e que oferecesse um ensino menos compartimentado, correspondente a uma visão mais unificada do conhecimento. Em 1961, Georges Gusdorf liderou e apresentou à Unesco um projeto que previa a diminuição da distância teórica entre as ciências, o qual foi retomado e refor-

çado por outros estudos realizados nos anos que se seguiram. Em 1971, um comitê de especialistas apresentou novo documento, que propunha a organização de uma nova forma de conceber a universidade, a qual minimizava as barreiras entre disciplinas e estimulava as atividades coletivas de pesquisa e a inovação no ensino. Propunham que do ensino universitário dever-se-ia exigir uma atitude interdisciplinar.

O projeto partia de uma distinção conceitual entre a multi, a pluri, a trans e a interdisciplinaridade. A *multidisciplinaridade* seria a justaposição de duas ou mais disciplinas, com objetivos múltiplos, sem relações entre elas e nenhuma coordenação. A *pluridisciplinaridade* seria o conjunto de duas ou mais disciplinas, com objetivos múltiplos, com certa relação e cooperação, mas sem coordenação dessas relações. A *transdisciplinaridade* significaria a coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino sobre a base de uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas. Por fim, a *interdisciplinaridade* seria a interação existente entre duas ou mais disciplinas, podendo envolver desde a simples comunicação de idéias até a integração de epistemologias, termos, métodos, procedimentos, dados e organização referentes ao ensino e à pesquisa (Fazenda, 1979; Japiassu, 1992). Um grupo interdisciplinar compor-se-ia, assim, de profissionais com formação em diferentes domínios do conhecimento e que passariam a realizar um

esforço comum em torno de um dado tema ou problema de pesquisa e de atuação profissional.

A interdisciplinaridade é mais bem compreendida como ato de troca e de reciprocidade entre disciplinas ou áreas de conhecimento, como atitude ou ideal diante da busca do conhecimento, ou, ainda, como visão de mundo (FERREIRA, 1991; ASSUNÇÃO, 1991). Na prática da pesquisa, ações genuinamente interdisciplinares são orientadas por e para um tema ou problema de pesquisa, para o qual convergem os esforços teóricos e metodológicos de cientistas formados em diversas áreas, teorias, modelos e linguagens.

Na *educação*, a interdisciplinaridade aparece como um princípio de reorganização das estruturas pedagógicas, exigindo que ocorra interação entre as disciplinas, no que tange à comunicação das idéias e à integração mútua dos conceitos e da epistemologia, tendo como objetivo a unidade do saber. Numa visão interdisciplinar, o que se busca é a substituição de uma ciência fragmentada por uma ciência unificada, com repercussões no ensino, na pesquisa e na extensão (SEVERINO, 1989).

A interdisciplinaridade deve ser a base da educação permanente, considerando os idosos como possuidores de uma história pessoal e de uma bagagem de conhecimentos constituída ao longo da vida, que devem ser aproveitadas e potencializadas. Para que possa ajudar os idosos a realizar essa vocação, a edu-

cação formal deve centrar-se na busca de novas formas e locais de aprendizagem diferentes dos da escola tradicional. Modificar objetivos, conteúdos e métodos de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece deve ser a proposta da educação dirigida a idosos, inserida numa perspectiva de educação permanente.

A interdisciplinaridade deve ser, igualmente, o fio condutor da formação de recursos humanos no campo, entre eles os professores de universidades da terceira idade. Em levantamento realizado pela University of Southern California e pela Association for Gerontology Higher Education, verificou-se que cerca de 1 600 faculdades e universidades dos Estados Unidos oferecem cursos de graduação e pós-graduação em gerontologia. Aproximadamente seis mil estudantes se formam anualmente nessa área. Entre 1976 e 1992, os cursos de doutorado em gerontologia cresceram de cinco para 32, em meio ao enfrentamento de muitos desafios pelo fato de seus professores serem provenientes de vários departamentos e disciplinas, tendo, por isso, de atender a diferentes demandas acadêmicas, administrativas e teórico-metodológicas (AGHE, 2000).

No Brasil, o ingresso da universidade na área da velhice vem sendo lento, seletivo, gradual. Nas décadas de 60 e 70 foram criados os primeiros serviços de geriatria, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. As primeiras

teses e dissertações apareceram em meados da década de 1970 e desde então, seu número vem aumentando, principalmente na Região Sudeste e em cursos de pós-graduação em psicologia, educação, ciências sociais, saúde pública, serviço social, enfermagem e medicina. No período 1975-1999, foram identificadas cerca de trezentas dissertações e teses defendidas nas áreas de psicologia e ciências sociais (GOLDSTEIN, 2001). Desde 1982, o Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, oferece cursos de especialização e atualização destinados a profissionais graduados em quaisquer áreas de conhecimento, com os objetivos de: instrumentalizar profissionais para os variados tipos de atendimento; fornecer supervisão à atuação prática nas diferentes fases do envelhecimento e nos diversos tipos e locais de atendimento; acentuar a participação diferenciada e integrativa de equipe multi e interdisciplinar no atendimento do idoso, de sua família e da comunidade (INSTITUTO..., 2001). Na dé-

cada de 1990, a atenção da universidade à questão social e científica da velhice tornou-se mais nítida, expressando-se, por um lado, no aumento numérico da produção científica no campo e, por outro, no interesse em abrir espaço para cursos de pós-graduação *lato sensu*. Fundaram-se também muitas universidades da terceira idade em todo o país.

Na intenção de conhecer a participação da universidade brasileira na formação de recursos humanos em gerontologia, buscamos informações atualizadas em *sites* de universidades, no Mega Portal das Universidades, *site* oficial da Associação Nacional de Pesquisas Científicas (ANPC), no *site* do MEC, nos *sites* da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e em folhetos e livretos informativos. Na Tabela 1, apresentamos um resumo das informações resultantes. Observa-se que nenhum curso focaliza a educação dirigida a idosos como objetivo central.

Tabela 1 - Cursos de pós-graduação em gerontologia, geriatria e áreas conexas que, no Brasil, formam recursos humanos para a pesquisa e a intervenção dirigidas à velhice. Localizados em 2001 – 2002

Estado	Instituição	Curso
Alagoas	ECMAL	Especialização em Fisiologia do Envelhecimento
Bahia	UFBA	Especialização em Gerontologia
		Especialização em Enfermagem na Atenção ao Idoso
Ceará	Uefs	Especialização em Gerontologia
	Uece	Especialização em Gerontologia
Espírito Santo	Ufes	Especialização em Gerontologia Social
Minas Gerais	UFMG	Especialização em Fisioterapia em Geriatria e Gerontologia
	USC	Especialização em Geriatria e Gerontologia

Educação e gerontologia:...

Estado	Instituição	Curso	
	UFU	Especialização em Gerontologia Social	
	PUC MinasBelo Horizonte	Especialização em Gerontologia Social	
	Fumec	Especialização em Gerontologia	
	PUC Minas campus Poços de Caldas	Especialização em Gerontologia (início previsto/2003)	
Paraíba	UFPB	Especialização em Gerontologia	
Paraná	PUC PR	Especialização em Gerontologia	
	Uepg	Especialização em Gerontologia	
	Unipar	Especialização em Fisioterapia Geriátrica	
Pernambuco	UPE	Especialização em Gerontologia	
Piauí	UFPI	Especialização em Gerontologia	
Santa Catarina	UFSC	Especialização em Gerontologia	
	Udesc	Especialização em Gerontologia	
São Paulo	Unicamp	Pós-Graduação em Gerontologia (mestrado e doutorado)	
	PUC SP	Pós-Graduação em Gerontologia (mestrado)	
	Unifesp	Especialização em Geriatria	
		Aperfeiçoamento em Geriatria	
		Especialização em Gerontologia (início previsto/2003)	
		Pós-Graduação em Epidemiologia (mestrado), linha de pesquisa em Epidemiologia do Envelhecimento	
		Pós-Graduação em Clínica Médica (mestrado e doutorado), linha de pesquisa em Geriatria Clínica	
		Pós-Graduação em Reabilitação (mestrado e doutorado), linha de pesquisa em Reabilitação Gerontológica	
		Especialização em Gerontologia	
		Aperfeiçoamento em Gerontologia	
		USP	Atualização em Gerontologia
			Especialização em Fisiologia do Exercício e Treinamento Resistido - na saúde, na doença e no envelhecimento
			Especialização em Atividade Física e Envelhecimento
		Pós-Graduação em Clínica Médica (mestrado e doutorado), área de concentração em Geriatria	
	Santa Casa	Pós-Graduação em Clínica Médica (mestrado e doutorado), linha de pesquisa em Cardiopatia no Idoso e Clínica do Indivíduo Idoso	
	Instituto Sedes Sapientiae	Especialização em Gerontologia Social	
	USF	Especialização em Gerontologia	
	Unaerp	Aprimoramento em Fisioterapia e Geriatria	
	USJT	Especialização em Educação Física para Idosos	

Continuação Tabela 1

Estado	Instituição	Curso
Rio de Janeiro	São Camilo	Especialização em Gerontologia
	Asser. - São Carlos	Especialização em Gerontologia
	UGF	Especialização em Envelhecimento, Saúde e Nutrição
	UFF	Especialização em Gerontologia e Geriatria Interdisciplinar
	UES	Especialização em Geriatria e Gerontologia
	UVA	Especialização em Geriatria e Gerontologia
	Ucam	Especialização em Gerontologia, áreas de concentração em Geriatria Clínica; Gerontologia Clínica; Gerontologia Social Atualização em Cuidados Paliativos; Geriatria Clínica
Rio Grande do Sul	Fiocruz	Especialização sobre o Envelhecimento e Saúde do Idoso
	PUC RS	Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica (mestrado e doutorado)
		Especialização em Geriatria
		Especialização em Gerontologia Social
		Pós-Graduação em Clínica Médica (mestrado), área de concentração em Geriatria
	Ulbra	Especialização em Saúde do Idoso: ênfase em Gerontologia e em Geriatria
	Unisinos	Especialização em Educação Física para a Terceira Idade
	UCS	Especialização em Gerontologia Social
UFSM	Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano (mestrado e doutorado), linha de pesquisa em Envelhecimento	
UPF	Especialização em Gerontologia, áreas de concentração em Gerontologia Social e Geriatria	

A formação de recursos humanos em gerontologia, incluindo a formação de professores de idosos, é de fundamental importância social, não só pelos benefícios que podem advir para os idosos, mas também para promover mudanças culturais nas concepções sociais sobre velhice. É nesse contexto que se encaixa a *gerontologia educacional*, campo interdisciplinar que se desenvolve no contexto da evolução da educação de idosos,

da formação de recursos humanos para lidar com a velhice e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento. Existem muitas controvérsias conceituais e ideológicas a respeito desse novo campo, que recebe diferentes denominações nos países anglo-saxões e latinos. Conceitos, ideologias e denominações têm influenciado especialistas brasileiros e criado tendências, como veremos a seguir.

Gerontologia educacional: um novo campo de atuação profissional

O termo “gerontologia educacional” foi utilizado pela primeira vez em 1970, na Universidade de Michigan, por David Peterson. Em 1976, (ele a definiu como a área responsável pelo estudo e pela prática das tarefas de ensino a respeito e orientadas a pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento. Em 1980, acrescentou que se tratava da tentativa de aplicar o que se conhece sobre a educação e o envelhecimento em benefício da melhoria da vida dos idosos. Fez, então, tríplice classificação dos seus conteúdos: educação para os idosos; educação para a população em geral sobre a velhice; formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos.

As três categorias do modelo de Peterson desenvolveram-se nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Canadá, orientadas a dois focos: levantamento das necessidades dos idosos, estabelecimento de como a educação pode contribuir para melhorar a sua qualidade de vida e métodos e conteúdos para formar profissionais e voluntários para proporcionar educação a idosos.

Em 1990, Glendenning e Battersby manifestaram-se a favor de uma nova gerontologia educacional, que Lemieux denominou de “gerogogia crítica”, a qual seria menos conservadora e mais emancipadora para os idosos (LEMIEUX,

2000). O termo “gerogogia” já havia sido utilizado em 1978 pelo professor Almerindo Lessa, da universidade portuguesa de Évora, e por Bolton, nos Estados Unidos, mas coube ao pesquisador canadense estabelecer seu significado como a ciência educacional interdisciplinar cujo objeto de estudo é o idoso em situação pedagógica.

Na concepção de Lemieux (2000), a questão da educação antecede a referência ao envelhecimento e aos sujeitos envelhecidos, pois a gerontagogia, como ciência social, está mais preocupada com o ensino e a aprendizagem que com o fato de que os educandos sejam pessoas idosas. Deve permitir a combinação de distintas especialidades, como a psicologia, a filosofia, a antropologia, a história, a sociologia e a economia, entre outras, que poderão ajudar no momento em que for necessário decidir sobre o quê, o como e o para quê da educação às pessoas idosas.

As propostas da gerontagogia estenderam-se aos programas americanos e canadenses e, em 1991, encontraram solo fértil nos programas espanhóis. Atualmente, esse país possui um grupo considerável de estudiosos e pesquisadores envolvidos nessa área, o que se refletiu na parceria das universidades de Granada e de Murcia para a organização de um curso de especialização intitulado “Gerontagogia: intervenção socioeducativa com pessoas idosas”, realizado no final da década de 1990. O programa apresenta os seguintes objetivos: impulsionar a gerontagogia,

como profissão de educador de idosos; divulgar aos profissionais da educação e do serviço social os novos campos de atividades associadas aos idosos; demonstrar a necessidade de especialistas nessa área, tanto nos programas em instituições de ensino formal como no meio comunitário; incentivar a pesquisa-ação para identificar problemas, elaborar conhecimentos e estratégias para o trabalho educacional com idosos; capacitar para a elaboração de programas de ação socioeducativa como alternativa aos que versam sobre os problemas dos idosos; proporcionar o encontro intergeracional construindo comunidades de aprendizagem com a presença de idosos e jovens num mesmo espaço educativo e formativo. É dirigido tanto para os vários profissionais com experiência em trabalhos sociais e assistenciais para idosos como a graduados em pedagogia, psicologia, sociologia, medicina, serviço social, enfermagem e medicina, e abre, no mínimo, dez vagas para idosos independentemente de pré-requisitos.

Na Espanha, desde meados da década de 1960, a formação dos chamados “gerontagogos” sempre esteve a cargo dos cursos superiores de animação sociocultural, que aparecem como os profissionais aptos a fazer a ponte entre a universidade e a comunidade.

Trilla (1997) define a “animação sociocultural” como o conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições sobre uma comunidade com o propósito de promover em seus

membros uma atitude de participação ativa no processo de seu próprio desenvolvimento tanto social como cultural. Para Ander-Egg (1988), a animação sociocultural é forma de ação sociopedagógica que, mesmo sem ter um perfil de atuação totalmente definido, caracteriza-se pela busca de processos de participação, pela criação de espaços para a comunicação interpessoal, para a promoção da plena participação na forma, medida e ritmo que os idosos determinem. Na animação sociocultural dirigida aos idosos, a pedagogia deve ser ativa, participativa, organizada em torno das experiências pessoais, gratificante, construtiva e qualificadora.

Na proposta gerontagógica, o docente é chamado de “animador sociocultural” ou de “educador social”. É visto como um agente de apoio que estimula a iniciativa grupal; uma pessoa que conecta os indivíduos ao seu ambiente e provoca neles atividades de pesquisa, análise, criatividade, reflexão e organização social; incentiva o afloramento de conflitos e de soluções informadas e críticas; promove a participação cidadã e coordena a produção social comunitária. O animador social é um educador social porque investe na busca, no descobrimento e na exposição das causas das desigualdades individuais e sociais (QUINTANA, 1986).

A Unesco mantém um curso de Formação de Animadores Socioculturais com o objetivo de demonstrar que o adulto pode aprender em qualquer idade e

que todo espaço, não necessariamente a aula, é propício para que a aprendizagem ocorra; promover a atualização humanística, científica e tecnológica do adulto e recuperar a sua verdadeira imagem pela manifestação de seus interesses, experiências e valores (BAYLEY, 1994).

Não importa o nome que tenham, a educação de idosos está a exigir cada vez mais a formação especializada de profissionais para o cumprimento de papéis e tarefas específicas junto à clientela idosa que cresce e ganha visibilidade social em muitos países, inclusive no Brasil, nos quais as universidades da terceira idade são locais onde preferencialmente ocorrem programas educacionais dirigidos a idosos. É interessante conhecer a experiência de outros países e confrontá-la com a brasileira.

A formação de professores para universidades da terceira idade

A literatura internacional sobre formação de docentes para universidades da terceira idade mostra várias experiências de formação e de atuação docente e sua formação. Segundo Swindell e Thompson (1995), na Grã-Bretanha, na Austrália e nos Estados Unidos, as atividades são geralmente conduzidas por professores voluntários e existe uma certa carência de professores com formação superior. França, Bélgica, Suíça, Portugal e Holanda são países onde o corpo docente é formado por educado-

res universitários, remunerados e preocupados em manter um rigoroso padrão acadêmico de ensino. Na Alemanha, a preocupação central dos docentes é desenvolver programas e métodos de ensino especiais, adaptados às necessidades dos idosos. Na China, os programas são disputados por professores com alto nível de formação acadêmica. No Uruguai parece haver grande preocupação em relação à formação de seus docentes e à metodologia por eles utilizada nas atividades que são desenvolvidas.

No Brasil, raras são as referências ao docente. Não possuímos uma área definida para a sua formação, que tem estado a cargo de poucos cursos de atualização, oferecidos nas próprias universidades da terceira idade, dos núcleos de estudos gerontológicos na universidade e dos cursos de especialização em gerontologia. Localizamos apenas quatro programas que fazem referência ou oferecem disciplinas sobre ensino à terceira idade: 1) curso de especialização em Gerontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa; 2) curso de especialização em Gerontologia da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro; 3) curso de especialização em Gerontologia Social; 4) curso de pós-graduação em Gerontologia Biomédica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Alves (1997) fez uma análise sobre o programa da Universidade da Terceira Idade da Unimep cuja essência reproduzimos porque as ocorrências são co-

munos em outros programas. Os professores são indicados pelos departamentos da universidade, independentemente de terem formação específica na área gerontológica. Atuar no programa é visto como oportunidade para a geração de pesquisas. A experiência contribui para o crescimento profissional dos professores e se constitui num convívio prazeroso entre estes e os alunos. Nota a autora que “a pura transposição dos chamados métodos e tecnologias de ensino usados nos cursos de graduação, pós-graduação ou do 1ª e 2ª graus é inadequada para a terceira idade” (p. 68) e pode ser motivo de evasão dos idosos.

No trabalho *A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a Unati/Uerj*, Lima (1999) verificou que a maioria dos professores do programa faz parte do quadro da universidade; adquiriu experiência de trabalho com idosos na própria Unati/Uerj; poucos tiveram algum tipo de formação em cursos de gerontologia; muitos iniciaram atividades em outros programas para a terceira idade após sua inserção na Unati/Uerj; participar das atividades do programa significa a possibilidade de convites para outros trabalhos e de “fazer currículo”; poucos membros da equipe fazem parte de entidades profissionais da área (SBGG, ANG); a afetividade na relação aluno/professor é um dos critérios utilizados por muitos alunos ao escolherem uma atividade; a intensidade das relações entre alunos e professores varia de acor-

do com o perfil da atividade e o temperamento do professor; há preocupação de que não se cristalice em algum tipo de dependência dos idosos para com os professores; impera entre os coordenadores uma tendência a ajustar o ritmo das aulas ao da maioria dos alunos, mais como resultado de bom senso do que como estratégia pedagógica propriamente dita; os coordenadores não recebem orientação sobre como lidar com eventuais deficiências sensoriais e de compreensão e com problemas de saúde que podem ocorrer com os alunos durante as atividades. O autor notou inexistência de pedagogia específica para idosos e dificuldades da equipe em lidar com as diferenças entre alunos e com as teorias gerontológicas.

Nicola (1999) desenvolveu um programa de formação de recursos humanos para coordenadores e professores de grupos de idosos em instituições educacionais e verificou os efeitos da ação educativa gerontológica desenvolvida por esses profissionais. A autora relatou os seguintes resultados: o embasamento teórico desenvolvido no curso contribui para a melhoria das ações; conhecer as características dos idosos ajuda a melhorar as relações interpessoais, possibilita a compreensão de suas atitudes, permite explorar melhor seu potencial, favorece a integração e o crescimento; o diálogo estabelece-se quando todos se colocam como sujeitos do processo de aprendizagem; a valorização do idoso é fator preponderante para o estabeleci-

mento de ações mais críticas, reflexivas e participativas; os idosos percebem que os coordenadores mais preparados desenvolvem uma prática mais coerente e consistente; o crescimento dos grupos foi diretamente proporcional à ação mais motivada dos professores, ao seu preparo teórico-prático e às suas características pessoais de liderança; as características de personalidade dos coordenadores são fortes determinantes de suas ações, mesmo quando têm preparo sobre as questões da velhice; o afeto, a consideração e a solidariedade dos professores favorecem sua aceitação pelos idosos e ajudam no desenvolvimento dos trabalhos e na elevação da sua auto-estima; quando valorizados, os idosos são altamente produtivos e criativos; as pessoas mais aceitas são as que se autovvalorizam e que expressam felicidade, boa saúde mental e boa adequação social; as relações sociais tornam-se mais positivas quando o idoso passa a compreender a importância de sua experiência e a viver plenamente as tarefas próprias de sua etapa vital.

Pelloso Lima (2001) realizou pesquisa qualitativa para verificar se, depois de dois anos, o programa havia auxiliado os alunos a terem uma nova concepção da vida e da velhice. Foram sujeitos quatro professoras, três com formação na área de humanas e sociais e um na área de exatas e tecnológicas, sendo um especialista em gerontologia. A relação professor/aluno foi descrita como altamente afetiva, agradável e espontânea; as

aulas foram direcionadas para atividades teórico-práticas envolvendo todo o grupo, permitindo intercâmbios com a vida real; para as docentes, os temas, procedimentos e atividades devem ser definidos pelo grupo; o trabalho docente é visto como um desafio, pois os alunos já possuem uma bagagem de conhecimentos e estão em busca de uma melhor qualidade de vida.

Outro fator importante que envolve a prática docente é o que diz respeito à formação oferecida pelos programas universitários aos seus alunos maduros e idosos. Poderíamos levantar questões sobre: que tipo de formação está sendo oferecida? Em que suportes teóricos e metodológicos se apóia essa formação? Quem decide sobre qual teoria deve ser seguida?

Fazendo referência às peculiaridades e diversidades do coletivo dos idosos, Sáez e Escarbajal (1998) advertem que a formação que se desenvolve nas universidades da terceira idade deve partir das necessidades sugeridas pelos próprios idosos, sob pena de ser pouco significativa para eles. Assim, os programas de formação universitária para idosos devem partir de um levantamento de suas necessidades. Os alunos devem ser parceiros na elaboração desses programas. O que caracteriza a busca desses cursos pelos adultos maduros e idosos é a fruição, o gosto por aprender, a realização de sonhos e projetos de vida adiados, a necessidade de se sentir vivo, ativo, atualizado e inserido na sua co-

munidade. Assim, esse aluno não deve fazer nada obrigado; deve poder escolher seu horário, seu professor e suas atividades poder buscar seu crescimento pessoal e coletivo. Para Palma (2001), as atividades devem ser organizadas de maneira a responder às preocupações dos idosos. Sendo a educação uma construção pessoal e social, os programas devem ser interativos em torno de objetivos previamente formulados, mas também em torno dos problemas que os idosos desejam resolver, das necessidades que esperam atender e das expectativas e motivações que pretendem satisfazer, já que eles são agentes do seu desenvolvimento e a educação não é prerrogativa dos mais jovens.

Segundo Giubilei (1993) e Escarbajal e Lopes (1998), é muito comum no campo da educação a tentativa de transplantar os conhecimentos que se tem das características da criança e do adolescente para a compreensão da personalidade do adulto. E é justamente aqui que se dão os grandes impactos, não só para o adulto que se vê muitas vezes incompreendido, como para o educador, que geralmente não consegue alcançar suas metas de trabalho.

Both (1998) fala sobre a função da universidade e do educador no trabalho direcionado aos idosos: o trabalho que envolve os mais velhos deve constituir-se, preferencialmente, *com* eles e não *por* eles e *para* eles; deve responder às necessidades biopsicossociais e espirituais dos idosos para que sejam cidadãos com-

petentes, aptos a viver numa sociedade em mudança; deve contribuir para o exercício da geratividade e não ficar somente repetindo em si mesmo a glória de suas contribuições; deve proporcionar tomada de consciência sobre a riqueza da vida pessoal e profissional e da importância da comunicação da experiência às gerações; deve permitir a expressão e a realização de aspirações educativas não satisfeitas anteriormente.

Analisando a capacidade de aprendizagem dos alunos do Programa Educativo de Adultos Mayores (Peam) de la Universidad Nacional de Santiago del Estero, Argentina, Tamer (1999) afirma que as possibilidades de aprendizagem na velhice não dependem da idade, mas, sim, das condições em que se realizam. Promover ambientes educativos estimulantes ao pensamento original e crítico permite assegurar a qualidade da aprendizagem nas pessoas idosas. Oferece os seguintes princípios: ter uma concepção realista da velhice e de suas peculiaridades no contexto do curso de vida; os idosos são os verdadeiros sujeitos do próprio processo educativo e, com sua experiência, podem ser atores da transformação de sua realidade histórico-social; entender a educação de idosos como um sistema com fundamentos, princípios e finalidades específicos; promover valores humanizantes sem cair no assistencialismo e na tutela política dos idosos.

Segundo Clavijo (1999), em qualquer atividade de programas universitários para idosos, são fundamentais os seguin-

tes aspectos: *relação professor/aluno* – a aprendizagem deve concentrar-se no educando e ser conduzida por ele; o professor tem o papel de facilitador de uma maneira democrática, pluralista e participativa; *paradigma didático* – a aula deve ser um lugar de encontro, de interação social e intercâmbio de experiências, para a construção de conhecimentos; *aprendizagem significativa* – os novos conhecimentos precisam ter um valor prático e relevante para a vida do aluno idoso.

Cachioni (2002) identificou duas universidades da terceira idade que apresentam claramente uma preocupação com referenciais teórico-pedagógicos e metodológicos para o desenvolvimento dos seus programas: a da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/Puccamp e a da Universidade de Passo Fundo/UPF.

Na Puccamp, tomando por base René Maheu, Martins de Sá (1997) fundamenta o projeto nos conceitos de educação permanente e de educação popular. Deve permitir troca autêntica de saberes entre professor e aluno, num processo de transmissão e de assimilação ativas. O professor tem o papel de auxiliar ou facilitar o acesso do aluno aos conteúdos, ligando-os com a sua experiência cotidiana, bem como de proporcionar elementos de análise crítica, que permitam a ultrapassagem do “eu expressivo” para o “eu genérico ou social”. A transformação do saber ocorre, então, através do sentir, pensar e agir.

Palma (2000) também apresenta a educação permanente como norteadora do

programa para idosos da Universidade de Passo Fundo. Adota a metodologia participativa problematizadora, sugerida por Bordenave (1983), como referencial para a prática docente. Segundo a autora, numa proposta pedagógica de educação permanente direcionada a adultos maduros e idosos, mas que pode abranger todas as idades, os envolvidos são o investigador-educador e o educando-ator, co-participantes no processo de indagar e refletir acerca de sua própria realidade para descrevê-la e explicá-la, gerar conhecimento e atuar sobre ela. Isso porque, à medida que o homem reflete sobre o seu contexto e responde aos seus desafios, ele se compromete, cria cultura, constrói a si mesmo e torna-se sujeito.

Como uso dessa metodologia podem ocorrer as seguintes conseqüências: a) *no âmbito individual*, o aluno será participante ativo, observador, formulando perguntas e expressando percepções e opiniões; será participante motivado pela percepção de problemas reais cuja solução se converta em reforço; sua aprendizagem será ligada a elementos significativos da realidade, com desenvolvimento das habilidades intelectuais de observação, análise, avaliação, compreensão e transferência; realizará intercâmbio e cooperação com os demais membros do grupo, que poderão se manifestar, por exemplo, na superação de conflitos; b) *no âmbito grupal*: os participantes serão conhecedores da realidade interna e externa da instituição; cooperarão na busca de soluções a problemas

comuns; haverá redução da necessidade de líderes fixos; ocorrerá elevação do nível de desenvolvimento intelectual do grupo de participantes, graças ao maior estímulo e desafio; aumentará a resistência à dominação.

A aplicação dessa metodologia em programas como os das universidades da terceira idade permite ao docente uma reflexão mais crítica sobre o fazer pedagógico, favorece a mudança da ação e amplia possibilidades de intervenção consciente. Muitos desafios estão ainda por ser enfrentados na educação de idosos e na formação de professores para esse campo, mas alguns pressupostos já são confirmados através da prática. Há consenso entre os teóricos e estudiosos de que a riqueza de experiências e conhecimentos acumulados deve fazer do aluno adulto maduro ou idoso o protagonista do processo de aprendizagem e, do docente, o mediador desse processo.

Por serem sujeitos ativos do processo de aprendizagem, os idosos são capazes de participar na definição de situações que requeiram mudanças. Faz-se necessário que essa clientela opte pelo meio mais estimulante e prazeroso de aprender, atingindo propósitos que dêem sentido à vida. Segundo Simone de Beauvoir (1990), a liberdade e a lucidez não servem para grande coisa sem novos objetivos e desafios. A autora acrescenta que importante para o velho, mais do que gozar de uma boa saúde, é sentir que tem metas, pois a ausência de projetos mata o desejo de conhecer.

Conclusão

Na atualidade, as questões ligadas à velhice e ao processo de envelhecimento representam um desafio para estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas. Graças à emergência da velhice como fenômeno social, a gerontologia vem crescendo e se transformando numa área especializada do saber e de intervenção que agrega profissionais de diversas disciplinas e profissões. Nele se insere a educação gerontológica, ela própria um campo interdisciplinar.

No Brasil, assistimos à construção do subcampo da educação gerontológica, de políticas acadêmico-científicas direcionadas à investigação das questões associadas ao processo de envelhecimento, à velhice e aos idosos, e de políticas acadêmicas voltadas para a formação do profissional que trabalha com o segmento idoso. O desafio técnico e científico da temática da velhice tornou-se mais evidente a partir da criação das universidades da terceira idade, que geram também a necessidade de formar professores para lidar com idosos.

Em virtude da heterogeneidade de necessidades, motivações e interesses existentes nos grupos de idosos, gerada pelas particularidades das trajetórias de vida, devem ocorrer investimentos na criação e no aprimoramento de metodologias que valorizem as experiências acumuladas e que tornem o aluno idoso um agente de seu próprio aprendizado. Os professores serão profissionais de

diversas áreas do conhecimento e profissões e deverão desenvolver competências específicas, disposições afetivas e características pessoais que favoreçam a sua atuação, no sentido de beneficiar não só os idosos como também os não idosos e a sociedade como um todo.

Recebido para publicação em maio de 2003.

Abstract

Gerontology is a wide field that includes several disciplinary and professional subfields. Gerontological education is among them. Its goals and procedures are addressed to educate old people and to prepare human resources to educate the olderst. In Brazil, the building o gerontological education procceds through the action of graduate programs of geriatrics and gerontology, and have been strengtned by the foundation of Universities of Third Age. These have established an important locus of programs addressed to the olds, to research and to human resources development; although educational practice are mostly not specialized in character. This paper is aimed to discuss principles of a participative and generative educational gerontology.

Key words: gerontological education; universities of third age; teachers education.

Referências

- ANDER-EGG, E. *Animación sociocultural. Educación permanente y Educación popular en AA.VV. Una Educación para el desarrollo*, la ASC Madrid: Fundación Banco Exterior, 1998.
- ALVES, G. G. M. *Universidade da terceira idade como alternativa de resgate da cidadania idosa: análise do caso da Unimep*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 1997.
- ASSOCIATION FOR GERONTOLOGY IN HIGHER EDUCATION. *Directory of Educational Programs in Gerontology and Geriatrics*. Washington, DC, 2000.
- ASSUMPCÃO, I. Interdisciplinariedade: uma tentativa de compreensão do fenômeno. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1991.
- BAYLEY, A. *Utopía y educación*. UNI3 El Derecho a Ser. Documento. Montevideo, Uruguai, 1994.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOTH, A. *Identidade existencial na terceira idade: mediações do Estado e da universidade*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 1998.
- CACHIONI, M. *Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de universidades da terceira idade*. Tese (Doutorado em Gerontologia) - Faculdade de Educação Unicamp, Campinas, 2002.
- CLAVIJO, M. V. La formación de formadores para los programas universitarios de mayores. *Escuela Abierta*, n. 3, 1999.

- FAZENDA, I. C. A. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro - Efetividade ou ideologia. *Realidade Nacional*, São Paulo: Loyola, 1979.
- FERREIRA, M. E. M. P. Ciência e interdisciplinariedade. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1991.
- GIUBILEI, S. Uma pedagogia para o idoso. *A Terceira Idade*, ano V, n. 7, jun. 1993.
- GOLDSTEIN, L. L. A pesquisa gerontológica no Brasil. *Especiaria* - Revista da UESC, ano IV, n. 7, jan./jun. 2001.
- INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. *Gerontologia social*. Disponível em: <http://www.sedes.org.br>, 2001.
- JAPIASSÚ, H. A atitude interdisciplinar no sistema de ensino. In: FREITAS, B. et al. *Interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- LEMIEUX, A. Gerontology beyond works: a reality. *Educational Gerontology*, 26, p. 475-498, 2000.
- LIMA, M. A. *A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UnATI/UERJ*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências/IFCH, Unicamp, Campinas, 1999.
- MARTINS DE SÁ, J. L. *Educação permanente voltada para a terceira idade*. Campinas: Puccamp, 1997.
- NICOLA, I. P. Formação de recursos humanos para uma ação educativa gerontológica. *Gerontologia*, 7(4), p. 178-191, 1999.
- PALMA, L. T. S. *Educação permanente e qualidade de vida*. Indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.
- _____. Gerontologia: proposta sócio-educativa para adultos maduros e idosos. In: FÓRUM NACIONAL DE COORDENADORES DE PROJETOS DA TERCEIRA IDADE, VII, e ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DA TERCEIRA IDADE DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, VI. São Luís, MA, 21-23 out. 2001.
- PELLOSO LIMA, M. *Gerontologia educacional - uma pedagogia específica para o idoso. Uma nova concepção de velhice*. São Paulo: LTr, 2001.
- QUINTANA, J. M. La animación sociocultural en el marco de la educación permanente de adultos, en AA.VV. *Fundamentos de animación sociocultural*. Madrid: Narcea, 1986.
- SÁEZ, J.; ESCARBAJAL, A. *La educación de personas adultas*. En defensa de la reflexividad crítica. Salamanca: Amarú Ediciones, 1998.
- SEVERINO, A. J. Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade. In: MARTINS DE SÁ, J. L. (Org.). *Serviço social e interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 1989.
- SWINDELL, R.; THOMPSON, J. An international perspective on the university of the third age. *Educational Gerontology*, 21(5), p. 429-447, 1995.
- TAMER, N. L. Calidad y equidad en la educación de los adultos mayores. *Escuela Abierta*, n. 3, 1999.
- TRILLA, J. (Coord.) *Animación sociocultural*. Teorías, programas y ámbitos. Barcelona: Ariel, 1997.

Educação e gerontologia:...

Endereço

Concentração em Gerontologia pela
Faculdade de Educação Unicamp
Rua Ipiranga, 435
Centro
Piracicaba - SP
CEP: 13400-480
Fones: (19) 3433-7118/3402-8441
E-mail: meirec@terra.com.br

Educação da Unicamp: Avenida Bertrand
Russell, 801
Campinas - SP
CEP: 13083-970
Fones: (19) 3788-5670/5595/5555
E-mail: anitalbn@lexxa.com.br